

3. Gil Vicente

➔ Manual · p. 125



Faixa 10

Conversa com Gil Vicente



08 min 09 s

– **Como gosta que o tratem, por Sr. Gil Vicente, por Mestre Gil ou apenas por Gil Vicente?**

– Tratem-me como vos der mais jeito. Qualquer dos tratamentos me serve. Mas, já que me perguntam e me dão a possibilidade de escolher, acho que prefiro Mestre Gil.

– **Podemos saber porquê?**

5 – Claro que podem. É que essa era a forma de tratamento mais usada no meu tempo sempre que queriam referir-se a mim. Habituei-me a ela e por isso vos digo que é a que mais me agrada, embora possam escolher qualquer outra em que me reveja.

– **Passaremos, então, a trata-lo por Mestre Gil, até porque o senhor foi e continua a ser um verdadeiro mestre do teatro português.**

10 – Dizem-me que sim e eu fico feliz com isso, pois o que acabam de me dizer significa que o meu trabalho não foi em vão e que continua a ser reconhecido muitos anos depois. No fundo, eu acho que é sempre com isso que um autor sonha enquanto vive e escreve.

– **Sabe-se muito pouco a respeito da sua vida. Isso não o preocupa?**

– Só me preocupava se dissessem mentiras a meu respeito, da minha obra e da minha vida.

15 Tirando isso, acho que não é preciso saber muitos pormenores acerca dos autores. Verdadeiramente importante, isso sim, é o conhecimento das suas obras, e disso não posso queixar-me porque acho que a minha obra como dramaturgo e como poeta é hoje razoavelmente conhecida em Portugal e até noutros países [...].

– **O senhor tem a noção de que foi um dos maiores dramaturgos e poetas da Península Ibérica no seu tempo, não tem?**

20 – Dizem que sim, mas não sei se deva acreditar que o fui de facto. O que sei é que antes de mim só havia uns autos litúrgicos, organizados pela Igreja, uns momos palacianos e umas procissões religiosas. Nada mais.

– **Portanto, a novidade começa consigo.**

25 – Sem vaidade, ou talvez como com alguma justa vaidade, posso dizer que sim. [...]

– **E como foi que Mestre Gil seguiu o caminho da inovação na escrita?**

– É difícil dizer ao certo. Acho que vi e ouvi muitas coisas que me influenciaram e que me levaram a fazer do teatro o meu meio natural de expressão.

– **E não acha que esteve muito à frente do seu tempo para ser ainda tão moderno nos dias de hoje?**

30 – Acho que fui, acima de tudo, um homem do meu tempo, nos melhores como nos piores aspetos. Fui, sem ser um nobre, um homem da Corte, que herdou muitas coisas da Idade Média e do seu imaginário. Acho que fui religioso sem deixar de ser crítico em relação aos erros da Igreja; acho que acreditei sempre no Homem e pouco nos homens. Enfim, fui um homem do meu tempo. [...]

– **Nos seus autos, nome que então tinham as peças de teatro, há temas religiosos e não religiosos, não é verdade?**



– Precisamente. Menos de metade das que ainda hoje se conhecem são de tema religioso e as outras viradas para as coisas comuns da vida, como o poder, a ganância, a riqueza e a pobreza, a viagem, o sonho, a hipocrisia ou a mesquinhez. Enfim, tentei pôr em cena o melhor e o pior dos seres humanos, de uma forma acessível a todos os públicos, levando-os a rir e sobretudo a pensar, sempre a partir de retratos do meu tempo.

– E como foi esse tempo?

– Teve coisas boas e más como todas as épocas da vida de um país e de um povo, mas é preciso não esquecer que foi o período dos Descobrimentos e que isso trouxe muita riqueza e também muita ambição para Portugal. Houve gente que enriqueceu muito depressa e outra que, por querer enriquecer a qualquer preço, fez as maiores patifarias que se podem imaginar. Eu acho que tratei bem desse tipo de gente nas minhas farsas.

– Quer o Mestre Gil dizer que cultivou vários géneros no seu teatro?

– Precisamente. Eu classifiquei as minhas obras em “moralidades”, “comédias” e “farsas”, e foi nas últimas que não poupei os frades mundanos, as alcoviteiras, os pelintras, os franceses dengosos, os fanfarrões dos castelhanos e os escudeiros gabarolas. Guardei um bocadinho do meu teatro para cada um deles.

– Mas há quem diga que o senhor, em vez de definir bem a personalidade das suas personagens, preferiu ficar por tipos mais gerais.

– Foi essa exatamente a minha intenção.

– Porquê, podemos saber?

– Porque assim as consegui tornar mais universais. O público, em lugar de ver só um Afonso, ou um Gil ou uma Maria qualquer, acabou por ver todas as pessoas que se encaixavam naquele retrato-tipo. E foi assim que eu tentei retratar a sociedade portuguesa do meu tempo com os seus defeitos e virtudes e sempre com uma linguagem que, mesmo sendo para os mais favorecidos, pudesse chegar a todos.

– Acha que conseguiu?

– Pelo menos tentei. [...]

– E quando foi que descobriu que queria ser escritor?

– Confesso que também estava à espera dessa pergunta. Acho que foi quando senti uma necessidade enorme de dizer por escrito coisas que me andavam no espírito e que não bastava serem ditas para eu ficar de bem comigo. Entendo que é isso que deve acontecer, de uma maneira ou de outra, com todos os escritores. [...]

– Já se disse que as suas obras foram arrumadas em cinco géneros na edição organizada pelos seus filhos: obras de devoção, comédias, tragicomédias, farsas e escritos diversos. Concorda com esta arrumação?

– De um modo geral, concordo, mas acho que se poderia ter ido um pouco mais longe nesse critério de arrumação, pois eu, na realidade, escrevi autos pastoris, moralidades religiosas, narrações bíblicas, fantasias alegóricas e autos narrativos. Fui, como escritor, um homem dos sete instrumentos.



– E como se classificaria hoje, ao fim de vários séculos de fama e consagração?

– Como eu quero ser lembrado é como um mestre da sátira social, ditada pelo meu agudo sentido de justiça. Se calhar, muitos dos meus textos continuam a ter atualidade política e social nos dias de hoje. Se substituírem o ouro e as especiarias pelo dinheiro dos fundos comunitários vindos de Bruxelas, ainda descobrem que eu devo mesmo continuar a ser representado logo nas escolas.

– Isso foi muito bem observado, Mestre Gil.

– É natural, porque um bom dramaturgo tem que ser um excelente e permanente observador. [...]

– Mestre Gil era um homem do povo ou um nobre?

– Fui sempre um homem do povo e por isso consegui perceber tão bem os seus vícios e virtudes. Ser nobre não é defeito, mas eu nasci no meio do povo e tenho muito orgulho nisso.

– E gostava de rir?

– Sempre gostei muito de rir e, sobretudo, de fazer rir os outros, mas de uma forma criativa e inteligente, pois o riso pateta é, quase sempre, uma forma sonora de estupidez e nada mais. Eu usei o riso como uma forma de condenar os abusos dos poderosos contra os humildes, e esse riso foi sempre, para mim, o mais saboroso de todos. E olhem que havia vícios e aspetos ridículos desse tempo que ainda hoje se mantêm, mesmo com televisão, com rádio e com computadores. Afinal, não se muda assim tanto em meia dúzia de séculos.

– E que temas pode abordar o teatro de hoje?

– Os mesmos de sempre, ou seja, aqueles que mostram que o ser humano é capaz de fazer o bem e de fazer o mal, consoante as circunstâncias em que se encontra. Isso, vendo bem, também não mudou muito, podem crer.

LETRIA, José Jorge, 2002. *Conversa com Gil Vicente*. Lisboa: Terramar (pp. 9-11, 17-20, 23-26, 39-41, 51-52 e 62-63)

